

## **Grupo de Trabalho “Estabelecidos e Outsiders do Pensamento Social Brasileiro”**

**Coordenadores:** Lucas Trindade da Silva (UFRN, Doutor em Sociologia UnB) e Marcos Abraão Fernandes Ribeiro (IFF, Doutor em Sociologia Política UENF)

### **Resumo Expandido**

A compreensão da formação social, da sua condição periférica, dos seus dilemas e das diferenças que o Brasil teria com relação a certos modelos de modernização, como Inglaterra, Estados Unidos e França, mobilizou uma gama muito variada de intelectuais de áreas distintas como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Literatura, o Direito, entre outras, com o fim de oferecer interpretações do país em forma de ensaio, conformando esse amplo campo denominado pensamento social brasileiro (PSB). A partir delas, as explicações sobre o atraso da sociedade brasileira ganharam proeminência como tema central do PSB, conforme Elide Rugai Bastos (2011). Conformando esse primeiro momento, podemos citar, sem pretensão exaustiva, autores como José Bonifácio, Frei Caneca, Visconde do Uruguai, Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Alberto Torres, Nina Rodrigues, Silvio Romero, Manuel Bonfim, Rui Barbosa, Oliveira Vianna, apenas para ficarmos com intérpretes que construíram significativas leituras do Brasil entre o início do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A partir dos anos 1930, contudo, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, como bem demarcou Fernando Henrique Cardoso em uma conferência ministrada em 1992 no Instituto Rio Branco, tornaram-se autores dos livros que “inventaram o Brasil” (CARDOSO, 1993)

A partir da obra dos três grandes intelectuais, o pensamento social brasileiro foi conformado pelas leituras canônicas dos três intérpretes, às quais foram somadas as obras de Celso Furtado, Raymundo Faoro, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Darcy Ribeiro, Roberto DaMatta, que foram alçados a referências incontornáveis para a compreensão das raízes sociais brasileiras e dos dilemas delas decorrentes. Outro ponto importante para a constituição e reprodução do cânone de intérpretes do Brasil foi feito por Florestan Fernandes (1980), em seu ensaio sobre a sociologia no Brasil, originalmente publicado nos anos 1950, quando afirma que os trabalhos desenvolvidos antes da institucionalização das Ciências Sociais no país, isto é, os ensaios, exprimiam uma concepção estamental do mundo. Em contrapartida, o pensamento racional teria um desenvolvimento recente no Brasil. Assim, não teriam validade científica para a

compreensão dos dilemas da sociedade brasileira os ensaios produzidos no período escravista, por exemplo.

Diante desse pano de fundo, o Grupo de Trabalho “Estabelecidos e outsiders do pensamento social brasileiro” se inspira no binário consagrado na obra de Norbert Elias para reler o chamado pensamento social brasileiro em alguns principais sentidos, acolhendo propostas que enveredem nas seguintes reflexões:

1) Assim como tem acontecido no âmbito da teoria social e sociológica contemporânea, trabalhos que visem questionar e reconfigurar o cânone do pensamento social brasileiro, demonstrando a importância e fecundidade de autoras e autores institucional e conceitualmente marginalizadas/os.

No lastro de certa insurreição dos saberes, para remetermos à expressão foucaultiana da genealogia, é perceptível, recentemente, o esforço de crítica do cânone e diversificação das/os clássicas/os do pensamento social brasileiro. Esforço que certamente se inspira e se insere em um movimento mais amplo de crítica aos fundamentos eurocêntricos das Ciências Sociais e à evidente ausência ou minoria de mulheres e de autoras/es negras/os nos manuais e currículos de pensamento e teoria social. No caso do pensamento social brasileiro, é de se destacar, igualmente, a concentração regional, sobretudo Rio de Janeiro e São Paulo, dos seus clássicos.

Nesse sentido, é perceptível nos últimos anos um esforço de trazer à luz a riqueza heurística de autoras/es, obras e tradições menos lidas, estudadas e abordadas na academia brasileira. Podemos citar aqui o crescente interesse pela trajetória intelectual de Luiz Gama, André Rebouças, Tobias Barreto, Manuel Bonfim, Guerreiros Ramos, Álvaro Vieira Pinto, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra, Nelson Werneck Sodré, Virgínia Bicudo, L lia González, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, entre tantas outras e outros. Um dos principais interesses deste Grupo de Trabalho é de exatamente se abrir para propostas que busquem evidenciar a importância destas e outras obras em uma amplia o crítica das fronteiras do pensamento social brasileiro.

2) Um segundo eixo de interesses deste GT são trabalhos que busquem reler tradi es, linhagens, autores/as, obras e conceitos consagrados do pensamento social brasileiro a partir do supramencionado movimento de amplia o crítica do mesmo. Levando a sério o caráter relacional do binário Estabelecidos e Outsiders, nos interessa pensar até que ponto novas leituras dos clássicos do PSB são possíveis a partir das questões colocadas

pelas margens do pensamento ou ao serem lidos em contraste com abordagens e obras heterodoxas.

3) Por fim, acolheremos trabalhos que tensionem a separação entre “teoria” e “pensamento” a partir das problemáticas postas pelo pensamento social brasileiro. Nesse sentido, trata-se de tomar o pensamento como o “outsider” da teoria “estabelecida” e pensar o estatuto teórico (ou não) do primeiro, o que em si leva a rediscutir os critérios do que define a teoria social. Nesse terceiro eixo, interessa-nos reflexões que tanto explicitam as nuances envolvidas na recepção crítica, no Brasil, da teoria social elaborada alhures, como em refletir sobre o potencial heurístico global dos instrumentos teórico-conceituais aqui (re)elaborados.

A construção contrastiva do modelo autocrático-burguês em Fernandes (2006) e suas implicações mais gerais para pensar os rumos do capitalismo contemporâneo podem exemplificar o esforço que aqui buscamos. Outros exemplos, que de modo algum restringem o leque de possibilidades contempláveis pelo GT, são: a constituição dos conceitos de modernidade periférica e alopoiese do direito em Marcelo Neves sinalizando limites da diferenciação funcional em sua acepção luhmanniana; a apropriação de Bourdieu no conceito de *habitus* precário, o diálogo profícuo com a teoria tayloriana do reconhecimento, assim como a especificidade dos conceitos de modernização seletiva e periférica em Jessé Souza; as recepções do debate pós e decolonial nos trabalhos de Adélia Miglievich-Ribeiro e Luciana Ballestrin; a abordagem transnacional da história do pensamento brasileiro como fonte de animação teórica proposta por João Marcelo Maia; a elaboração do conceito de modernidade desde a América Latina em José Maurício Domingues; entre outras e outros.

#### **Referências:**

BASTOS, Elide Rugai. (2011). Atualidade do pensamento social brasileiro. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 2, p. 51-70.

CARDOSO, Fernando Henrique. (1993), "Livros que inventaram o Brasil". *Novos Estudos Cebrap*, 37.

FERNANDES, Florestan. (1980). *A sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

FERNANDES, Florestan. (2006). *A revolução burguesa no Brasil*. São Paulo: Globo.